



# 30<sup>º</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

**Bibliotecas Fortes:  
Sociedade Democrática Recife, PE**

Eixo 3 - Formação e identidade profissional

Modalidade: Trabalho completo

## **O bibliotecário no espelho: representação e vida real**

*The Librarian in the Mirror: Representation and Real Life*

**Rafael Boaventura – Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

**Resumo:** Este artigo de natureza descritiva e abordagem qualitativa deriva de um trabalho sobre como o cinema constrói a representação do bibliotecário. Para tanto, discorre sobre o imaginário, memória, representação, o cinema e seu status como transmissor de informação. Foi utilizada bibliografia das áreas correlacionadas ao tema. Concluiu-se que a representação do bibliotecário ainda é muito influenciada pelo estereótipo de uma pessoa hostil, influenciando o profissional da vida real, cujo trabalho e atuação diferem enormemente de suas representações.

**Palavras-chave:** Bibliotecário. Estereótipo. Representação.

**Abstract:** This exploratory-descriptive article with qualitative approach is part of an academic essay analyzing how the cinema builds the representation of the librarian. For such, it discusses about imaginary and representation, and cinema as media. This research used bibliographic material related to the topic. It concludes that the librarian's representation in media is still influenced by the stereotype of a hostile person, influencing the real life professional, whose work and acting differ enormously from their representations.

**Keywords:** Librarian. Stereotype. Representation.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo é parte de uma pesquisa de Mestrado sobre a representação do bibliotecário no cinema, apresentada e defendida em 2024. Dentre os diversos temas abordados na busca pela representação do bibliotecário pelo cinema, um ponto marcante em toda a construção da representação é a relação entre a figura estereotipada do bibliotecário e seu fazer profissional da vida real, numa dicotomia intensa. Este trabalho analisa e clarifica a representação, o imaginário, como a figura do

bibliotecário está construída, quais os contrastes com o profissional da vida real e, quanto a este, suas especificidades.

Para tal está reunida e pesquisada, num âmbito descritivo de cunho qualitativo, uma bibliografia relacionada ao tema, a exemplo de livros sobre biblioteconomia, ciência da informação, atas oficiais que envolvem o profissional bibliotecário, uma pesquisa desenvolvida sobre a auto-imagem do bibliotecário e história. Conclui-se que a representação do bibliotecário que perdura no imaginário popular é completamente díspar do profissional da vida real, embora ainda o influencie de diversas formas.

## **2 INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO**

Desde a era do *homo sapiens* que a humanidade buscou se comunicar e estabelecer relações entre si. Para tanto, fez-se necessário criar e desenvolver formas de comunicação que lhe possibilitassem essa interação, a transmissão de ideias, sentimentos e impressões, a representação da realidade que o cercava. Tanto é que, na perspectiva de Sá (2018 p.93), o homem sempre recorreu por “[...] meio de representações, repassar o conhecimento que ia adquirindo sobre si e sobre a realidade que o cercava.”

É necessário que se questione sobre a informação nela contida, a quem se destina e, ademais, discorrer sobre esse conceito. Afinal, toda representação em si contém informação, como considera Shera (1972, p.164, tradução livre). É importante considerarmos esta e mais definições e conceitos de ‘informação’, para melhor desenvolver um arcabouço teórico, unindo o cinema como representação e a absorção da informação por seu público. Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008, p. 201) define o termo como:

1. bib 1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apóia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior.

Aldo de Albuquerque Barreto (1994, p. 2), estudioso sobre o tema, ao discorrer sobre o conceito de informação e sua distribuição e consumo, conceitua informação como “O conjunto de estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento



para o indivíduo e seu grupo”, cuja interpretação e absorção é multifacetada a depender dos receptores. A informação também “é qualificada como um instrumento modificador da consciência e da sociedade como um todo. [...] do homem e de seu grupo.” (BARRETO, 1994, p. 2). Para propósitos de trabalho, foram adotados estes conceitos. No entanto a informação em si não basta, ela precisa ser aceita para se transformar em conhecimento. O acesso e a aceitação dependem de uma miríade de fatores que vão desde o status social e interesses específicos de microgrupos. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se inferir que a mesma informação com o mesmo conjunto de estruturas significantes pode ser aceita de diversas formas por diferentes segmentos de uma mesma sociedade.

Findada a conceituação de informação, pode-se prosseguir para um melhor entendimento sobre o conceito de representação, vale ressaltar que ele é muito discutido, perpassando o campo da Linguística, da Historiografia, Semiótica, da Ciência da Comunicação e Ciência da Informação.

O Dicionário Aurélio (1999, p. 1747) define representação como “4. Reprodução daquilo que se pensa. 9. filos. Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos imaginação, pela memória ou imaginação [...] ato ou efeito de representar, interpretação.” Já o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008, 321) define o termo como “Reformulação ou indicação de um conceito por meio de uma linguagem de indexação ou de informação”. Como pode ser notado, à representação é agregada uma polissemia que vale a pena ser explorada para uma melhor compreensão dos sentidos que lhe são dados.

Para Greimas e Courtés (2008, p.382), a linguagem, por ter uma função de “representar uma realidade diferente”, deixa clara a origem da língua enquanto denotação, na qual as palavras são signos e estes representam o mundo. O mesmo nível de metalinguagem pode ser representado de diferentes maneiras, com os diversos sistemas de representação, sendo homologáveis e traduzíveis entre si. Ou seja, a representação permite ao indivíduo, por sua própria natureza, escolher qual a forma que considera mais apropriada para se comunicar.

Albuquerque, Gaudêncio e Santos (2019, p.14) discorrem sobre a representação como o sistema pelo qual ideias eram ‘resumidas,’ atreladas a um conceito de substituição, onde uma pessoa substitui toda uma gama de ideias, representando-as de forma a serem disponibilizadas para outras pessoas, em outros pontos. A totalidade da



língua natural é substituída pelos símbolos e signos, invariavelmente ocultando certos aspectos para a promoção de outros. A partir dessa noção, pode-se pensar na ‘substituição’ como facilitador de processos comunicacionais, uma ‘tradução’ de um pensamento para um signo, seja ele uma representação, um som ou qualquer media adaptável, o que leva à conclusão de que a própria fala é um método de representação, numa forma de difundir, disseminar de forma ‘interpretável’. Este raciocínio é corroborado por Hildenise Ferreira Novo (2013, p.116), quando afirma que

Não existe uma única possibilidade de representação, pois os contextos mudam de acordo com propósitos estabelecidos para cada momento. A representação é um processo mental pelo qual o indivíduo busca o significado, descrevendo o que deve ser representado e designado, onde a relação sujeito X objeto se estreita para que se possa alcançar a interpretação do mundo a ser representado.

Continuando com as diferentes concepções de Representação, Nascimento, que, baseado no pensamento de Buckland (1991, apud NASCIMENTO, 2021, p. 358), considera que as representações são construídas por conveniência, “Mais ou menos incompletas”, com inexatidões e distorções. Por serem convenientes, são substituições de um evento ou objeto, de um texto que, simplificadas, mais breves e/ou diminutas podem ser repetidas indefinidamente. Por conta de sua brevidade, faltam-lhes detalhes importantes do objeto representado, o que pode acarretar supressões, acréscimos, não exatidão que acabam por comprometer a informação que desejam disseminar, podendo transformá-las em informações “ruins”, como as designa o autor. Para propósitos deste trabalho, adotamos a definição de ‘Representação’ como processo de substituição, passível de alteração à partir de determinados contextos.

Pode-se inferir, após os conceitos de Buckland apresentados por Nascimento, que representações não são só substituições, mas feitas por conveniência. Nesse caso, há de se considerar a disponibilidade e a frequência informacional que as constrói, especialmente após a afirmação que as representações, podem ser repetidas indefinidamente e que elas não necessariamente condizem com a realidade. Seguindo esta linha de pensamento, Dória e Santos (2019, p. 37) consideram

Tudo o que fazemos é resultante das nossas representações mentais, as quais geralmente estão acompanhadas de inferências fundamentadas nas experiências vividas. Desta forma, um objeto pode ser representado de diversas formas, de acordo com a leitura de mundo que o indivíduo possui.

Para Pesavento (2007, p. 22), pesquisadora da área da Historia Cultural,



A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. [...] As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social.

Pesavento considera que a representação não se propõe necessariamente a corresponder ao 'real', mas, sim, interpretá-lo, dar-lhe uma configuração que varia de indivíduo para indivíduo. A forma de representar o mundo também pode não só ser compartilhada, mas imposta, ensinada, dada, desde quando o controle simbólico das formas de representar o real pode muitas vezes ser exercido na vida social, por grupos, instituições, instâncias de poder, ao propor valores, classificações, divisões e normas. Por exemplo, a visão religiosa, de viés criacionista, onde toda e qualquer ação, objeto ou criatura foram constituídos para obedecer a vontade divina, poderia influenciar pessoas a interpretar o mundo ao seu redor de maneira reducionista. Em contrapartida, um indivíduo que é formado em um ambiente de cunho analítico científico, é levado a interpretar o mundo como algo que pode ser analisado cientificamente, sem medo de considerar e interpretar diferentes entidades de diferentes religiões.

Partimos assim do princípio que a representação do mundo pelos sujeitos está interligada ao contexto no qual eles estão inseridos, daí poder-se afirmar que pessoas diferentes, de origens e posições diferentes verão os mesmos objetos e situações de formas diferentes, e as representarão de acordo com suas próprias experiências. Ao mesmo tempo, essas experiências podem alinhar-se e ser repassadas para futuras gerações e/ou pessoas diferentes, em contextos diversos.

Não se pode eximir, portanto, o imaginário da discussão sobre representação, desde quando, na perspectiva de Pesavento (2007, p.21), ele é “[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”

Pesavento (2007) considera que o imaginário diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo e detém um caráter universal e transistórico perene no qual arquétipos<sup>1</sup> imaginários povoam e se perpetuam através dos tempos. Tomemos como exemplo a consciência de uma realidade transcendente, a ideia da morte, do duplo (cópia de uma pessoa) e do além (pós-vida). Esses arquétipos resgatáveis são possíveis de chegar até o presente representados nos registros escritos,



falados, imagéticos ou materiais. Até mesmo sentimentos, fantasias, emoções deixam, segundo a autora, ‘pegadas’ passíveis de serem seguidas. Todas as sociedades, arcaicas ou modernas, tem seus sistemas imaginários de representação do mundo.

Neste ponto, é útil adicionar o que Le Goff (1986) considera sobre o assunto. Para ele o imaginário é como um regime de representações ao nível em que se tornava uma forma de realidade, uma tradução mental que não reproduz a realidade em si e que tudo aquilo que o homem considera sendo real é o próprio imaginário. O conceito de imaginário é, segundo Le Goff, tão amplo que tudo pode ser submetido a uma leitura imaginária. Histórias das concepções e ideologias, histórias das estruturas mentais eram representações que compunham um imaginário que permitia tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos, desde que suas especificidades fossem respeitadas. Le Goff também chama a atenção para a possibilidade de homogeneização do imaginário social através de meios de comunicação em massa, ponto que será tratado mais adiante.

Ou seja, todas as culturas utilizavam figuras (produzidas, pintadas, fotografadas etc), sejam abstratas ou baseadas em fatos e experiências vivenciadas. Ou seja, se a representação pode ser entendida como uma forma de o indivíduo interpretar facetas e objetos de uma realidade, lembrando que esta forma pode ser sobrescrita e imposta, o imaginário popular é uma rede tecida entre indivíduos que detêm representações similares, as quais podem vir a moldar o comportamento e as suas próprias expectativas em relação à ‘vida real’. A representação da informação torna-se representação do conhecimento, seja este condizente com a realidade, e assim transmitida entre indivíduos.

Uma representação que não seja condizente com a realidade pode ser não só perpetuada indefinidamente, mas detalhes igualmente errôneos podem ser adicionados à sua estrutura conforme ela é disseminada. E, tal qual uma bola de neve transforma-se numa avalanche, esta representação pode solidificar-se no imaginário social de um grupo, espalhando-se e, talvez, até sendo imposta para outros.



## 2.1 Representação da informação

Discorridos os aspectos conceituais de informação, representação e imaginário, é preciso, portanto, verticalizar os estudos sobre a representação da informação, de forma a demonstrar o cinema como uma representação e fonte de informação.

Na perspectiva da Ciência da Informação, Albuquerque, Gaudêncio e Santos (2019, p.14) a representação da informação está atrelada a três elementos:

[...] a informação se configura como uma unidade de três elementos, são eles:  
1. Conhecimento (conteúdo da informação); 2. Linguagem (instrumento de expressão de itens de informação); 3. Suporte (objetos materiais ou energia).

Ou seja, pode-se considerar que a representação da informação consiste numa prática de enunciação das propriedades de um objeto informacional (unidade de informação organizável) ou das relações desse objeto com outros que o identificam como tal. Desse modo, os objetos informacionais podem ser representados contando com suas descrições físicas (ou tratamento descritivo ou representação descritiva), como também com a descrição de seu conteúdo temático (ou tratamento temático ou representação temática). Essas representações, temáticas e físicas, visam à organização e facilitação de recuperação das informações e são consideradas por Albuquerque, Gaudêncio e Santos como práticas essenciais em sistemas de informação, contribuindo para que objetos informacionais e suas partes sejam acessíveis.

Kobashi (2007, p. 20), renomada especialista da área, explica que “[...] o conhecimento e suas representações se expressam pela linguagem”, que representações diferentes serão expostas de forma diferente em linguagens diferentes, a exemplo da linguagem documentária.

Fujita, Alves e Almeida (2020, p. 121) consideram que a linguagem documentária é um sistema de vocabulário baseado em conceitos, a exemplo de termos preferidos (descritores), termos não preferidos (não descritores) e suas inter-relações, referindo-se a um determinado ramo do conhecimento, destinado a controlar a terminologia utilizada para a indexação/recuperação de documentos. Exemplo disso são as listas de cabeçalhos de assunto, os tesouros, as ontologias e taxonomias, entre outras.

Quando Novellino (1996) se reporta ao tema e retorna à representação como substituição, considera que o processo de representação da informação envolve a análise de assunto de um documento e a ‘tradução’ desta análise para uma expressão



linguística. Para tal, é necessário uma padronização da informação, ou seja, uma linguagem que classifique a informação contida e a transforme/substitua em um símbolo equivalente. A exemplo, existem os códigos de catalogação para descrição ou representação física, a exemplo do Código Anglo-americanando de Catalogação-2, e os de classificação, para descrição temática, como a Classificação Decimal Dewey e a Classificação Decimal Universal, só para citar alguns, que transformam o assunto contido em um livro em uma representação numérica, um código, para facilitar sua localização e sua recuperação.

A representação da informação, portanto, é um instrumento que viabiliza a busca e a apresenta ao usuário a organização e classificação de uma área específica do conhecimento e dá acesso à coleção desejada, não só ao item específico, mas a cada conceito envolvido.

Se as representações estão passíveis de mudanças, se o contexto vai definindo a diversidade de formas do homem representar o mundo, se o conceito de documento se ampliou, se novas modalidades surgiram, se novas técnicas e tecnologias despontaram, podemos intuir que o imaginário dos sujeitos foi e tem sido alimentado pelas representações por meio de veículos disseminadores. Cientes desse processo, pretendemos, a seguir, saber como o bibliotecário vem povoando o imaginário social, de forma a em seguida explorar sua representação pelo cinema.

## **2.2 Bibliotecário: representação social e profissional**

A imagem do bibliotecário, no imaginário e nas representações sociais, é construída, muitas vezes, centrada apenas no acúmulo e defesa de livros empoeirados, em seu orgulho como detentora da informação, tal qual Fonseca (2007, p.95) a descreve:

É a representação artística do bibliotecário tradicionalmente afundado entre livros, com lupas apropriadas ao exame de textos paleográficos, sem nenhum apreço pelos usuários. Por isso Rubens Borba de Moraes considerava perigosíssimas aquelas pessoas que desejam ser bibliotecárias somente porque, adorando livros, querem à força viver no meio deles.

Milanesi (1998) crê numa representação ainda mais problemática, tanto do bibliotecário no exercício da sua profissão, quanto do bibliotecário inserido na sociedade. Para ele, a biblioteconomia no Brasil é marcada por um tipo de profissional que costumeiramente se põe,



No balcão de atendimento, atrás do qual uma senhora tricota e cujo olhar atrás do tricô parece pedir ao consulente que, por precaução, não se aproxime [...] Veja ali no catálogo (Apesar de ser feita a indicação com o queixo, há um catálogo e isso ajuda.) o estudante vai procurar nas velhas fichas puídas e sujas o nome do músico. Parece que não está em ordem alfabética. Como é que acha? (MILANESI, 1998, p11)

Analisando criticamente tal postura, Milanesi reafirma, nos idos de 1998, que a ineficiência do bibliotecário, tanto no quesito de recuperação da informação, quanto na referência, no atendimento às necessidades do usuário, constituía-se, no Brasil, em um modelo frequente de profissional encontrado em suas bibliotecas.

Um ponto importante levantado também por Milanesi (1998), ampliando a sua análise sobre o profissional bibliotecário, é que no Brasil, um país endemicamente analfabeto, onde a figura do bibliotecário está aliada à figura do intelectual. Historicamente, o país demorou para estabelecer uma política de alfabetização e ainda mais o estabelecimento de bibliotecas, disponibilizando acesso a livros apenas para uma pequena parte da população. Isto pode ter contribuído para a construção da representação do leitor e, por conseguinte, do bibliotecário, como alguém participante de uma elite. E mesmo após 20 anos da publicação do livro de Milanesi, esta representação parece ainda povoar o imaginário da sociedade. Fonseca (2007, p.94) também toca neste assunto quando escreve:

Infelizmente a hipertrofia dos processos técnicos fez dos bibliotecários contemporâneos uma nova espécie de mandarins, tão empenhados na discussão de filigranas catalográficas que nem se lembram do nobre objetivo da profissão, admiravelmente definido no preceito *servus servorum scientiae*.

Pode-se pensar que a representação do bibliotecário como guardião da informação vem desde o período medieval, quando, especialmente nos monastérios feudais, os livros eram considerados como bens preciosos e sobre os quais a população não tinha direito de acesso. Essa realidade, de acordo com Milanesi (2004), só começou a ser dissipada com a evolução dos suportes, ou seja, com o uso do papel e a invenção da imprensa, fatores que viabilizaram o acesso e disseminação da informação através dos livros impressos, devendo-se a Gutemberg essa revolução. Pode-se considerar que o bibliotecário esteve sempre ao lado dos meios de informação, mas é interessante abordar sobre como o bibliotecário é visto pela sociedade. Neste quesito, Walter e Baptista fizeram uma pesquisa, utilizando-se de representações de imagens encontradas

na internet, na literatura, em brinquedos que retratavam esse profissional. A partir daí, afirmam que:

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 30)

Ou seja, representação do bibliotecário relacionava-se com aquela que atendia ao usuário atrás do balcão ou mesmo aquela que coletava os livros para repô-los nas estantes, pensamento distanciado do papel de gerenciamento da informação e da biblioteca. Como resultado da pesquisa, Walter e Baptista (2007) esclarecem que o estereótipo do bibliotecário é ainda associado a uma profissão exercida especificamente por mulheres, que é uma profissão não competitiva, que “não exige esforço intelectual” e que o comportamento ordeiro está ligado à prática cultural dos afazeres domésticos. Todos esses pontos ainda podem ser teoricamente correlacionados com fatores de poder, conhecimento e medo.

A associação da imagem das mulheres bibliotecárias pode ser mais que simplesmente a manutenção de estereótipo e pode estar ligada a outros fatores como poder, conhecimento e medo. Poder, no sentido do domínio da coleção, conhecimento porque essas profissionais dominariam o ambiente biblioteca, onde se coleciona conhecimento, e medo do indivíduo que busca informação de parecer pouco inteligente diante desses profissionais. (RADFORD; RADFORD, 1997 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 94)

Não é de surpreender, quando se considera todos esses pontos, que a imagem do bibliotecário pelo público tenha se desenvolvido na forma de um profissional antagônico, atrasado tecnologicamente, restritivo quanto ao acesso à biblioteca, isolado em seu posto. É interessante salientar a dualidade entre as representações onde há o estereótipo do intelectual arrogante apontado por Milanesi (1998) contrastando com uma suposta não exigência de esforço intelectual, conforme apontado por Walter e Baptista (2007), embora não haja uma resposta fácil para sua existência.

Mas, como os bibliotecários se representam? Edson Nery da Fonseca (2007), bibliotecário com elevado conceito na história da Biblioteconomia no Brasil, discorre amplamente sobre o papel do bibliotecário, na sua obra *Introdução à Biblioteconomia*, publicada originalmente em 1992, com a segunda edição sendo lançada em 2007 pela



Editora Briquet de Lemos/Livros. O livro não trata só da Biblioteconomia como uma profissão e ciência, mas do bibliotecário e seu papel, do livro e do leitor.

Para Fonseca (2007, p. 97), a profissão de bibliotecário é marcada por uma disputa entre a technicalidade e o amor, não só para com os livros, mas também para com o usuário, promovendo a leitura, agindo como um ‘filtro’ perante as ‘torrentes de livros’ e acrescenta que: “A formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre a erudição e a técnica”. Sua técnica estaria fundamentada nas regras da biblioteca e na metodologia de trabalho, enquanto sua erudição englobaria não só conhecer a biblioteca e seu conteúdo, mas seus usuários, para melhor guiá-los.

Na perspectiva de Rubin (2004), cada decisão de um bibliotecário, seja ao escolher uma determinada coleção, dar início à uma determinada política, obedecer ou não às normas impostas pela organização da qual a biblioteca faz parte, pode conflitar com a sobrevivência da biblioteca como um todo. Por exemplo, caso um governo autoritário demande a remoção e censura de determinadas obras, o bibliotecário se encontrará entre obedecer às ordens e violar seu código de ética, ou negar as demandas e sofrer represálias, como o corte de recursos.

Esses e outros aspectos constroem uma demanda ética permanente que coloca em cheque a estrutura e a sobrevivência da organização e, no centro, está o bibliotecário, continuamente se reavaliando, revitalizando e atualizando como profissional e como conhecedor da estrutura na qual está inserido, no contexto social onde deve participar como protagonista.

O bibliotecário passou a ser não mais ‘guardador’ e ‘preparador’ técnico de livros, mas uma peça-chave numa máquina complexa de transmissão de informação que não era apenas localizada num livro, mas sim em documentos com suportes, formatos, conteúdos e tipificações diversas.

Maria Tereza Walter (2004) escreve sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil, a partir de outro ângulo: sua atuação depois da eminência da Ciência da Informação, área que passou a englobar a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia. Tal feito, no entanto, não afastou a Biblioteconomia de suas bases sólidas, centradas inclusive na Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998, ainda vigente, que protege sua atividade e identidade profissional. Na perspectiva de Walter (2004, p. 292),

Essas questões interferem diretamente nas zonas de conforto dos profissionais que antes detinham esses “territórios”, confirmando-se a tendência de que cada vez mais as identidades segmentadas e múltiplas num único sujeito, nas várias situações de sua vida, o habilitam a integrar diferentes grupos. Ainda os avanços nas áreas tecnológicas levaram a intensas mudanças em todos os aspectos da sociedade e das identidades.

Ainda segundo Walter, tais fatos levaram a Biblioteconomia a absorver mais fácil e intensamente as novas propostas e teorias da CI, em conjunto com as mudanças acadêmicas e tecnológicas, redimensionando seus limites, se contestando e redefinindo. A Biblioteconomia parece ter reconhecido a necessidade de evolução constante para sua sobrevivência e luta por estabilidade, a um ponto em que o núcleo da profissão, “[...] que é de organizar, tratar e mediar a informação permanece, ampliada, todavia, para outras funções igualmente importantes como marketing, editoração, pesquisa, ensino” (WALTER, 2004, p. 294), não sofreu modificações.

Uma das reflexões trazidas pela reavaliação da Biblioteconomia foi a do papel do bibliotecário como agente cultural, aquele que sai da biblioteca para agir e formar vínculos com a comunidade que o cerca, indo em busca do leitor para além dos muros da instituição. Carlos Alberto Ávila Araújo (2018) traz reflexões sobre um perfil de bibliotecário que, após o século XX e especialmente no Brasil, construiu-se em uma figura que desenvolve ações culturais, seja através do contato com comunidades excluídas (com carros-biblioteca, extensão bibliotecária, serviços de caixa estante, etc), como também um extensor e ampliador das ações culturais dessas mesmas comunidades.

Ainda pelas reflexões de Araújo (2018), se o bibliotecário tem como parte de sua qualificação a busca por referências, num cenário informatizado onde a internet possibilita o alcance de busca jamais visto pela maior parte dos usuários, agora ele tem a possibilidade de oferecer ‘ilhas’ de informação atualizada e de qualidade. Tal mudança possibilita que as técnicas para buscar uma referência específica, que são um recurso de grande valia no combate a informações tendenciosas espalhadas rapidamente por meios de comunicação em massa, sejam aprendidas e percebidas por esse profissional em benefício de seus usuários. Araújo (2018, p.77) afirma que,

Diante dos desafios colocados pelo amplo acesso à informação, pelas características das tecnologias digitais, da internet e dos processos automatizados de recuperação da informação, bem como das novas possibilidades de atuação informacional dos sujeitos, bibliotecas mostram-se necessárias. Desenha-se um amplo novo campo de atuação, comprometido

com valores tradicionalmente defendidos pelas bibliotecas: seu caráter público, a busca pela inclusão, pela universalidade, pela pluralidade, pela ética, pela herança cultural, pela educação e pela paz.

De acordo com a Resolução nº 207/2018 (2018, p.1) no artigo nº2 do Conselho Federal de Biblioteconomia, a atuação do bibliotecário guia-se pelo perfil, missão e objetivos da instituição onde sua biblioteca está instalada. Ou seja, se uma determinada biblioteca tem como missão o atendimento a um grupo específico de pesquisadores de uma determinada área, deve ser de interesse do bibliotecário pesquisar essa determinada área em prol da instituição e usuários. O artigo nº4 da mesma resolução indica que seu objeto de trabalho é a informação, “[...] o conhecimento estruturado sob as formas escrita, oral, gestual, audiovisual e digital, por meio da articulação de linguagens natural e/ou artificial”, objeto encontrado no acervo das bibliotecas nas quais ele presta serviço, levando em consideração as necessidades e deveres para com a instituição a qual serve e para com seus usuários.

Tudo isto através de uma atuação proba e zelosa, cuidando de seu acervo, observando os ditames científicos, mantendo uma boa relação profissional com seus colegas, seus usuários, ajudando-os da melhor forma possível em suas buscas por informação. Vale ressaltar que ainda recai sobre a figura do bibliotecário, da sua categoria, o agir de forma ética, cooperando para o progresso da profissão seja através da manutenção de sua imagem para com a sociedade ou com o trabalho de pesquisa por parte de seus pares, combatendo o seu exercício ilegal, respeitando a propriedade intelectual alheia.

Pode-se concluir também que é vital para o bibliotecário o conhecimento e a constante atualização, não só da situação social em que a biblioteca se encontra, mas também das tecnologias e correntes teóricas no qual a profissão está inserida. Ou seja, é uma profissão onde não se pode ficar ‘parado no tempo’. O perfil de um bibliotecário contemporâneo ideal, considerando as informações levantadas, poderia ser pensado como um profissional que não só tenha uma atitude proba e zelosa para com sua biblioteca, instituição e seus colegas, mas também seja prestativo para com seu usuário, atendendo suas demandas, ajudando-o a sanar dúvidas e evitar informações tendenciosas e/ou falsas, também construindo uma relação com a comunidade onde vive e trabalha. Mas também espera que o profissional bibliotecário esteja em constante

atualização, para com as tecnologias informacionais e as pesquisas de sua área de atuação.

Por fim, Priscila Jacobsen (2010, p. 26) resume a questão de forma simples e apropriada: “A identidade profissional da Biblioteconomia baseia-se, fundamentalmente, no seu espaço de atuação e no seu objeto de trabalho: a informação e a forma de mediação, organização e tratamento da mesma.”

### **2.3 Diante do espelho: os bibliotecários se reconhecem?**

Em seu trabalho de 2009, Alda Silva estudou a autoimagem dos bibliotecários da cidade de Salvador. Para tanto, considerou bibliotecas universitárias e escolares de instituições públicas e particulares. A população se constituiu de 120 bibliotecários de 26 instituições. Foi usado um questionário de cinco seções, perfazendo um total de 30 questões, que permearam a formação profissional do bibliotecário, a educação continuada, a atuação e apercepção sobre a imagem do bibliotecário. Dos 120 participantes, 112 foram do sexo feminino (94,0%) enquanto apenas 8 (6,0%) do sexo masculino. Segundo a autora, estes dados condizem com (SILVA, 2009, p. 48) “a abordagem da categoria de gênero para estudo dos bibliotecários, ainda que, nas últimas décadas a afluência de homens nos cursos de Biblioteconomia tenha aumentado.”

A faixa etária do grupo mostrou-se equilibrada, embora maior parte (70,6 %) dos respondentes apresentassem idade que variou entre 36 e 57 anos. Segundo Silva, este dado sugere que bibliotecários mais novos estejam em outros segmentos do mercado de trabalho ou tentando ingressar nele.

A maioria (59,2 %) considerou sua a formação acadêmica relativamente satisfatória (com as opções sendo satisfatória, não satisfatória e relativamente satisfatória), embora 57,1% apontem que os recursos de ensino são precários (e os professores despreparados (25%), o que sugere descontentamento com a formação. A maioria (67%) considera que fatores de favorecimento da formação acadêmica são aulas teóricas e estágios extracurriculares (91,7%). Foi apontado pelo grupo de pesquisa que os estágios oferecidos buscavam uma mão de obra mais barata em detrimento da contratação de pessoal especializado, o que resultava em alocação de estudantes em bibliotecas onde não havia profissionais para orientá-los.



Em contrapartida, encontrou-se, dentre os entrevistados que possuíam qualificação em outras áreas, a necessidade de mover-se para a Biblioteconomia devido à crença de que seria mais fácil conseguir emprego.

Quanto ao nível de especialização, a grande maioria do grupo já havia concluído o curso (46 – 79,3%), enquanto que os concluintes de cursos de atualização e aperfeiçoamento foram (45 – 83,3%). Dos integrantes do grupo que buscou aperfeiçoamento ou cursos de mestrado, a maioria buscou atualização ou instrução nas áreas de Informática, Biblioteconomia e assuntos relacionados. Dos que foram para uma especialização, grande parte ingressou em cursos Administração, Comunicação ou áreas relacionadas. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram para tais vias acadêmicas, a maior parte dos entrevistados revelou que desejava ampliar seus conhecimentos, com a minoria relatando interesse numa melhor e maior inserção no mercado de trabalho. Ao serem indagados sobre as novas tecnologias e informática, a maioria dos entrevistados relatou que as tecnologias informacionais são importantes para o papel e funcionamento das bibliotecas. O que levou a autora a concluir que:

Esse caleidoscópio de temas, cursos e visões diferenciadas parece sinalizar o esforço do profissional bibliotecário em relacionar seus conhecimentos especializados aos de outros campos afins, perseguindo o seu aperfeiçoamento se preparando para a interlocução interdisciplinar. Essa postura se coaduna com a própria característica interdisciplinar da Ciência da Informação, área do conhecimento a qual os bibliotecários estão vinculados em sua atuação, como também na busca da titulação em nível de mestrado. (SILVA, 2009, p. 57)

Sobre a seus locais de trabalho, a maior parte do grupo considerou seus locais de trabalho como inadequados: barulho, iluminação, mobiliário, temperatura e limpeza foram as principais queixas, ou seja, os aspectos básicos do funcionamento de uma biblioteca encontraram-se deficientes. O grupo também apontou que esses problemas afetavam o desempenho profissional e a saúde.

No que diz respeito à imagem do bibliotecário, a maioria do grupo (62,9%) afirmou “que a sociedade não compreende o papel acerca do bibliotecário” (SILVA, 2009, p. 70), em conjunto com uma expressão unânime de que a imagem estereotipada do profissional é o que se destaca na sociedade, com seu trabalho acabando despercebido. Ao final, a autora narra:

Na realização do grupo focal idéias divergentes sobre a imagem do bibliotecário foram partilhadas. Uma das participantes ponderou que a imagem é de um profissional sisudo, apático e pedindo silêncio, muito



associado ainda ao estereótipo do bibliotecário. Essa imagem foi imediatamente contestada, pois, o contato que teve com bibliotecas bem como, com familiares que exerciam a profissão, possibilitou a percepção do bibliotecário como um profissional dinâmico e atuante, influenciando o seu ingresso na carreira de Biblioteconomia. A terceira participante se manifestou, dizendo que a imagem identificada com o estereótipo era percebida, por ela anteriormente, hoje acredita que a imagem mudou. (SILVA, p.73)

As respostas denotam que os bibliotecários entrevistados têm para si a identidade de um profissional assertivo, cujo principal aspecto é a de gestor da informação, agindo de forma flexível e a sociedade espera que atendam aos usuários. Os profissionais buscam constantemente se renovar e manter-se atualizados quanto à maioria dos aspectos de sua profissão, sejam tecnológicos ou sociais e gerenciais. Suas maiores reclamações provêm da qualidade dos locais de trabalho e do despreparo dos professores para ensiná-los sobre os cânones e as bases teóricas da profissão, acabando por utilizar a experiência empírica dos estágios, em detrimento da reflexão teórica.

E por detrás de todos os esforços de qualificação e atualização do profissional, está a figura estereotipada da rude bibliotecária idosa de óculos como fundo de garrafa, representada em diversos filmes e livros. Os bibliotecários entrevistados por Silva (2009) confirmaram que esta imagem permeia a impressão que a sociedade tem dos profissionais, obscurecendo toda a gama de atividades da profissão e sua pluralidade de habilidades requeridas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode parecer um tanto desanimador que a figura do bibliotecário ainda esteja tão influenciada por tal estereótipo, mas não se deve esquecer o quanto a profissão evoluiu, e quanto o profissional luta por seu espaço. O profissional é plural, multidisciplinar e atento não só ao que está acontecendo dentro de sua biblioteca, como sua comunidade, atento às mudanças no cenário informacional, e, mais importante, consciente de seu papel quanto ao combate à desinformação. Agora, o mais importante seria o profissional se perguntar: “Como mudar a imagem perante a sociedade?” Pois se o bibliotecário tem ciência de si mesmo, agora é a hora de forjar sua própria representação perante seus usuários.





## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. C.; MARTINS, G. K.; MOTA, D. R. (org.). **Organização e representação da informação e do conhecimento**: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: UFPB, 2019. 208 p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de rosto**, v. 3, n. 1, p. 68-79, 17 ago. 2018.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/a-questao-da-informac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021
- BRASIL. Lei nº 9.674, de 25 de Junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**. 26 jun. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9674.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9674.htm). Acesso em: 13 maio 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). **Resolução CFB nº 207/2018, de 11 de Setembro de 2018**. Dispõe sobre o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário. Brasília: Diário Oficial da União, 9 nov. 2018.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.
- DÓRIA, M. G.; SANTOS, F. B. A representação da imagem da biblioteca nas histórias em quadrinhos (hqs). **Revista fontes documentais**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 36-59, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/120077>. Acesso em: 2 maio 2023.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.
- FONSECA, Edson Nery Da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. rev. Brasília: Briquet De Lemos, 2007. 148 p.
- FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documentária para indexação**: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008. 493 p.
- JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. Orientador: Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto. 2010. 130 f. Monografia (Bacharel em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2010.
- KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **Datagramazero**: revista de ciência da informação, v. 8, n. 6, p. [1-9], dez. 2007.



LE GOFF, Jacques. **Histoire et imaginaire**. Paris : Poiesis, 1986.

MARTINS, G. K.; CÔRTEZ, G. R. A representação da informação e do conhecimento e as representações sociais: intersecções e limites. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MARTINS, Gracy Kelli; MOTA, Denysson Axel Ribeiro (org.). **Organização e representação da informação e do conhecimento**: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: UFPB, 2019. p. 159-182. ISBN 978-85-237-1416-1.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 94 p.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. [S. l.]: Ateliê Editorial, 2004.

NASCIMENTO, M. G. **Desvendando o véu da opacidade**: a representação da mulher nos arquivos públicos brasileiros. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2021. (Selo Nyota) 412 p.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & informação**, v. 1, n. 2, p. 37-45, 1996. DOI: 10.5433/1981-8920.1996v1n2p37 Acesso em: 26 set. 2022.

NOVO, Hildenise Ferreira. Representação do conhecimento ou representação conceitual?: uma investigação epistemológica no âmbito da ciência da informação e da filosofia nas considerações de Deleuze e Guatarri. **Ponto de Acesso**, v. 7, n. 3, p. 114-129, 2013. DOI: 10.9771/1981-6766rpa.v7i3.9328 Acesso em: 04 set. 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RUBIN, Richard E. **Foundations of library and information science**. 2. ed. New York: Neal-Schuman, 2004. 579 p. Disponível em: <https://archive.org/details/foundationsoflib00rubi/page/562/mode/2up>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SÁ, Alzira Tude. A imagem fotográfica como representação e documento: um estudo a partir das fotografias de objetos da sala de visitas do escritor Jorge Amado. Inf. **Soc.:Est.**, João Pessoa, v.28, n.1, p. 91-108, jan./abr. 2018.

SHERA, Jesse Hauk. **The foundations of education for librarianship**. New York: Becker and Hayes, 1972. 511 p. ISBN 13: 9780471785200. Disponível em: [https://www.goodreads.com/book/show/2274259.The\\_Foundations\\_of\\_Education\\_for\\_Librarianship](https://www.goodreads.com/book/show/2274259.The_Foundations_of_Education_for_Librarianship). Acesso em: 2 fev. 2021.

SILVA, A. L.. **A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea**: um estudo de caso do município de Salvador (BA). Orientador: PROFª. DRª. Henriette Ferreira Gomes. 2009. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7926>. Acesso em: 12 out. 2022.



WALTER, M. T.. Identidades, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação?. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, ed. 2, p. 287-299, jul./dez. 2004.

WALTER, M. T.; BAPTISTA, S. G.. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. ALBUQUERQUE, M. C.; MARTINS, G. K.; MOTA, D. R. (org.). **Organização e representação da informação e do conhecimento: intersecções teórico-sociais**. João Pessoa: UFPB, 2019. 208 p.